



AS LIDERANÇAS MILITARES EM CASOS HISTÓRICOS, CONCLUINDO SOBRE OS ENSINAMENTOS PARA LIDERANÇA MILITAR NOS DIAS ATUAIS

Orientador: Marcione Teixeira Fagundes

2º Sgt Eng - nº 426 - Leandro Fernandes **Corrêa**

2º Sgt Eng - nº 401 - Allan **Júlio** Camargo Correia

2º Sgt Eng - nº 424 - Henrique da Costa **Godoi**

2º Sgt Eng - nº 413 - **Danilo Pinheiro** Coelho

2º Sgt Eng - nº 423 - Pedro Henrique de Souza **Mosqueira**

RESUMO: A liderança é um preceito fundamental para qualquer exército. Sem ela, não existe harmonia dentre as tropas. Não é de espantar que ela é a principal disciplina lecionada nas escolas militares. Contudo, a liderança militar é um conceito muito complicado de se desenvolver no campo das ideias e é quase impossível aplicar a teoria sem que tenhamos um norte para seguir. Por isso, o presente ensaio tem por objetivo apresentar de forma tangível os conceitos de liderança situacional, carismática, autocrática e estratégica através da história de homens como Max Wolff, Desmond Doss, Marco Aurélio e Napoleão Bonaparte, respectivamente. Foi utilizada a pesquisa bibliográfica para a realização do presente estudo. No referencial teórico, exemplificamos os conceitos abstratos de liderança de forma prática através das ações vividas pelos quatro homens elencados. Na conclusão, fica evidenciado que, mesmo sendo um termo muito difícil de transição da teoria para a prática, é possível aplicarmos os conceitos em campo utilizando-se de exemplos de líderes como esses que viveram situações adversas, tornando assim a didática mais compreensível.

Palavras-chave: Liderança. Situacional. Carismática. Autocrática. Estratégica.

1 INTRODUÇÃO

O mundo é semelhante a uma máquina que depende de várias engrenagens para funcionar. Cada uma delas exerce uma força sobre a outra até que todas fiquem em sintonia e, conseqüentemente, gere um trabalho como resultado. Semelhante, o homem precisa exercer uma “certa” força sobre outro homem a fim de gerar um trabalho como resultado na sociedade. Com o passar do tempo, essa tal força foi nomeada como liderança.

Por definição, a liderança é a habilidade de motivar, influenciar, inspirar e comandar um grupo de pessoas a fim de atingir objetivos. E como consequência, evidencia várias características em seu conceito geral. Ela é a base fundamental para existência de um exército, pois não se considera admissível está pronto para cumprir qualquer uma das missões constitucionais sem que os comandantes, em todos os níveis, tenham suas capacidades desenvolvidas e bem fundamentadas na área da liderança militar.

Partindo dessa premissa, reconhecemos que a liderança militar sempre será crucial para a organização de um bom exército. Vemos essa qualidade sendo empregada em diversas épocas e em diversos ambientes de forma surpreendente, e sendo marcante para todas as pessoas que circundam esses líderes emblemáticos.

Adentrando o campo teórico da liderança militar, muito se tem almejado introjetar conceitos correlacionados aos estilos de liderança empregada dentro e fora do campo de batalha por militares das mais diversas cadeias hierárquicas. Engana-se quem acha ser algo simples de ser descrito ou elaborado em fórmulas de fácil compreensão. Todavia, através da história de homens como Max Woff, Desmond Doss, Marco Aurélio e Napoleão Bonaparte, com suas respectivas características marcantes como a liderança situacional, carismática, autocrática e estratégica, podemos aprender e transmitir os conhecimentos praticados por eles nos dias atuais como modelo pragmáticos para uma aplicação em sala de aula ou até mesmo em campo de batalha.

2 REFERENCIAL TEÓRICO:

2.1 Liderança Situacional

Um líder não apenas diz o que outros estão à espera de escutar. Ele faz um discernimento entre aquilo que é necessário e aquilo que pode ser deixado em segundo plano. Serve quase que de escudo frente aos problemas que se opõem ao bom cumprimento da missão. Filtrando por iniciativa própria, as ordens dos superiores e retirando os obstáculos do caminho a ser trilhado.

A título de exemplificarmos o exposto acima, podemos citar o sargento Max Wolff Filho, que foi um dos maiores expoentes na história do Exército Brasileiro. Ele foi um grande destaque dentre os grupos mais difíceis de angariar

reconhecimento, não pela falta de exemplos, mas sobretudo pelo caráter específico das missões que o sargento deve cumprir e também pela seara de atribuições frente aos escalões mais elevados da instituição que deve se sujeitar.

De acordo com Bento (2011), Max ajudava o seu pai no processo de torrefação do café com apenas 8 anos de idade. Quando adolescente, passou a trabalhar como escriturário numa companhia que explorava a navegação no rio Iguçu. Mas dentro do seu alto nível de colaboração, mesmo de folga, integrava-se ao grupo de carregadores para ensacar, carregar e descarregar erva-mate. Já na maioridade, se alistou no 15º Batalhão de Caçadores em Curitiba-PR, onde prestou o serviço militar inicial e posteriormente foi integrante da Polícia Militar do Rio de Janeiro. E durante essa fase de policial no RJ, chegou uma convocação para combater nas trincheiras da 2ª Guerra Mundial, da qual não pestanejou em se apresentar às fileiras do Exército Brasileiro, e seguiu com a Força Expedicionária Brasileira – FEB rumo à Europa.

Max era um grande líder diante de todos os seus colegas de farda, sendo um grande exemplo de liderança dentro e fora dos campos de batalha. Seu reconhecimento transpassou as linhas da caserna, foi admirado por onde passava, e suas atitudes eram exemplares conforme Bento (2011, p. 17) diz:

“Pela sua bravura, competência militar e disciplina, era muito popular e querido, não somente entre seus camaradas, como em todo o V Exército dos Estados Unidos, que enquadrava a Força Expedicionária Brasileira, merecendo reportagens de vários correspondentes de guerra”.

Figura 1: Max Wolff Filho



Fonte: Wikipedia, 2022.

Dentro dos campos de batalha da 2ª Guerra Mundial, Max foi um militar voluntário para todas as missões que lhe ordenavam, e estava sempre pronto para cumprir qualquer missão, conforme Costa (1976, p. 72, apud BENTO, 2011, p. 21) narra:

Dentre esses praças, desejo destacar o desassombro de 3º Sargento Wolff, que todas as vezes que se apresente uma missão perigosa, principalmente de patrulha, espontaneamente se oferece para fazer parte dela – Registro com satisfação essa particularidade do Sargento Wolff, pela qual revela possuir noção perfeita do dever militar[...].

Era visível a facilidade com que ele obtinha cada vez mais a confiança de seus superiores e o reconhecimento dos seus subordinados. Sua liderança adaptativa as diversas situações que enfrentava, se enquadra perfeitamente no conceito de liderança situacional que Maximiano (2008, p. 411) define: “ Para ser eficaz, o estilo tem que se ajustar à situação[...]”.

2.2 Liderança Carismática

Uma outra figura que se destaca dentre muitos, nos tempos moderno de conflitos armado e em plena 2ª guerra mundial, foi o Sd Desmond T. Doss, paramédico da 77ª Divisão da Infantaria do Exército dos Estados Unidos. Sua História foi inspiração para o filme “Até o último homem”, escrito e dirigido pelo ator e diretor Mel Gibson, e vencedor de duas estatuetas do Oscar.

Desmond incorporou as fileiras do exército americano e trouxe consigo seus princípios e valores que recusara a abandonar devido sua religião. Esses princípios foram essenciais para que ele se tornasse conhecido até mesmo pelo presidente dos EUA. Conforme Doss (2017), Desmond havia prometido a si mesmo que nunca mais pegaria em uma arma de fogo, pois a última vez que havia manuseado uma arma, foi devido a uma ordem de sua mãe para esconder uma pistola de seu pai, pois este tinha ameaçado seu cunhado após uma discussão. Depois desse evento, ele prometeu nunca mais tocar em uma arma de fogo.

Após ser motivo de piadas para seus colegas de farda, ser perseguido pelos seus superiores e ter sido julgado por uma corte marcial devido seus princípios, Desmond foi nomeado

paramédico por não querer tocar em armas. E com isso, foi designado para várias missões em plena 2ª Guerra Mundial na função de militar de saúde. Dentre uma dessas missões, foi na ilha de Okinawa que Desmond demonstrou uma coragem e moral como nunca presenciada e registrada antes.

chegaram. Nesse momento, Desmond entra em ação, pega seu equipamento, e sem pestanejar, adentra ao campo de batalha e começa a socorrer os feridos – até japoneses feridos ele socorreu no campo de batalha. Ao todo, foram 75 feridos que Desmond, sozinho, conseguiu retirar do combate. Este feito extraordinário realizado por ele foi admirado por todo seu país.

A maior característica evidenciada por Desmond, no campo de batalha em Maeda, fora a empatia pelo ser humano. E essa é uma das principais, se não a principal, capacidade de um líder carismático demonstrar um sentimento de altruísmo para com seus companheiros. Marques (2022, p. 2) define muito bem a empatia quando diz:

a empatia está intrinsecamente ligada ao altruísmo, pois nos ajuda a compreender a dor e o sofrimento das pessoas ao nosso redor, nos incentivando a encontrar mecanismos que façam com que possamos ajudá-las de maneira mais eficaz e efetiva. É com empatia que agimos em relação ao outro, da mesma maneira que gostaríamos que alguém agisse conosco.

Desmond foi um verdadeiro líder carismático e, apesar disso, muitos dos pares e superiores não acreditavam naquele homem. Mas com o tempo, seus valores e princípios foram ganhando os corações daquela tropa e sua liderança foi ganhando espaço ao ponto de ser essencial para o prosseguimento da missão.

2.3 Liderança Autocrática

Não diferente de Desmond, Marco Aurélio, imperador Romano, sempre preferiu ficar a frente da batalha, junto com seu exército a estar em sua corte. Dessarte, como gestor do maior império da história ocidental, ele enfrentou guerras, conspirações e ainda teve que lidar com a peste antonina.

As ações de Marco Aurélio durante a epidemia foram baseadas nos princípios estoicos (que é a ideia de viver todos os dias como se fosse o último). Ele não recuou, e fez tudo o que estava sob seu controle para superar a peste. Como um verdadeiro líder, teve que usar de sua autoridade, para impor algumas regras que, na visão dele, era o melhor para o povo, mesmo que fosse de encontro com a opinião da população, ficando assim conhecido



Fonte: aventurasnahistoria, 2020.



Fonte: aventurasnahistoria, 2020.

Em 20 de abril de 1945, a 77ª Divisão de Exército, a qual Desmond fazia parte, desembarcou na ilha de Okinawa com a missão de expulsar os militares japoneses que haviam tomado aquele lugar. Entretanto, mal sabiam que lá seria uma das batalhas mais difíceis que aquela tropa já enfrentaria.

Após diversos dias de batalha em território japonês, com muitos soldados americanos feridos e pouco avanço no terreno, Desmond começou a sublimar a sua liderança em campo como, por exemplo, o voluntariado para o serviço do qual não poderia ser escalado, pois era paramédico, como Doss (1997, p.137) afirma ao dizer: “Por ser paramédico, Desmond não precisava ficar de guarda. Contudo, os soldados estavam combatendo duro e perdendo muito sono, então ele se voluntariou para fazer a ronda algumas vezes”. Essa foi uma forma fenomenal de demonstrar sua liderança carismática para com seus pares que, indubitavelmente, visualizavam nele um modelo para ser seguido e a medida que isso aumentava, ia sendo depositado respeito e admiração em Desmond.

No dia 29 de abril, começou a real batalha pela escarpa Maeda de Okinawa, um despenhadeiro de 120 metros de altura. Bem no centro deste lugar, havia um grande número de japoneses escondidos em trincheiras e túneis à espera dos norte-americanos. Nessa altura da guerra, Desmond já havia conquistado uma grande admiração por parte de seus pares e superiores (no entanto que eles só subiam o despenhadeiro após as orações dele). Neste dia, Desmond não pôde orar, pois o capitão já houvera mandado a tropa se deslocar para cima do despenhadeiro antes da chegada dele. Então, assim que eles alcançaram o topo, os japoneses atacaram de tal maneira que feriram quase que todos os homens que lá

como um líder autocrático. Para Maximiano (2008) a liderança autocrática não passa de uma centralização do poder que se encontra na pessoa do líder. Verifica-se que o líder autocrático é centralizador e estabelece as metas de seus liderados, define aquilo que deve fazer, e não permite que seus liderados participem das tomadas de decisões.

Figura 4: Imperador Marco Aurélio



Fonte: [diariodocentrodomundo](#), 2013.

Todavia, Marco Aurélio ficou marcado na história, não pela fama de autocrático, mas sim pelos atos exemplares que realizou em seu império. Mesmo sendo autocrático em sua forma de liderar, ele trouxe especialistas para estudar o que poderia ser feito em prol da saúde, incluindo Cláudio Galeno, considerado o mais talentoso médico investigativo do período romano, que liderou os esforços para o combate à praga; recusou-se também a deixar Roma, colocando sua própria vida em risco, mesmo quando muitos se refugiaram em áreas rurais e casas de campo; mostrou-se presente e forte para os outros, indo a funerais e dando discursos, buscando tranquilizar a população em um momento de caos.

Próximo de sua morte, ao que tudo indica pela própria peste, deixou as pessoas de confiança o seu plano de sucessão ao trono para garantir uma transição pacífica de poder. Ele faleceu em Vindobona (atual Viena), provavelmente em 17 de março de 180. Seu filho "Cômodo" foi o seu sucessor. Marco Aurélio foi um dos poucos líderes autocráticos que desempenharam muito bem seu papel diante de seus liderados ao ponto de confundirmos a sua forma de atuação.

2.4 Liderança Estratégica

Outro grande imperador foi Napoleão Bonaparte. Desde sua infância, com nove anos de idade, ele foi mandado para estudar

na França, em uma escola religiosa. Logo depois, recebeu uma bolsa de estudos para estudar na academia militar. Napoleão sofreu *bullying* por não falar francês corretamente, ser estrangeiro, pelos costumes e também por ser considerado de baixa estatura. Já na academia militar, sempre se destacou como excelente estrategista, sempre atuava muitas vezes como comandante. Foi o primeiro curso a concluir os estudos no colégio militar de Paris, e se formar oficial de artilharia, aos dezesseis anos de idade.

Após alcançar sua maturidade, Napoleão entrou na política francesa, onde passou a ganhar cada vez mais influência em questões de Estado, recebendo um grande cargo de comando na época. Após isso, durante o cerco de Toulon em 1793, foi nomeado como comandante da artilharia das forças republicanas, e reformulou um plano de dominar uma colina, onde seu exército dominaria o porto da cidade e forçaria os navios britânicos e espanhóis a recuarem. No fim, acabou capturando um general britânico que lutava contra os franceses. Por ter vencido a batalha e contribuído à tomada da cidade de Toulon, seu *status* foi elevado e recebeu o cargo de general de brigada em 1793.

Uma das estratégias preferida de Napoleão era o movimento em pinça, envolvendo e cercando as tropas inimigas, enquanto movia sua artilharia para apoiar a infantaria amiga. Desde sua formação, Napoleão ficou conhecido por ser muito estrategista. Em combate, colocava em prática todas as suas teses e teorias, que na maioria das vezes davam certo. Ele tornou-se um herói para o povo francês, conquistando o norte da Itália e Países Baixos, além de enviar riquezas para França.

Hitt, Ireland e Hoskisson (2008) definem a liderança estratégica como a capacidade de prever e vislumbrar de forma estratégica os atos que serão tomados adiante. Napoleão fazia justamente isso, antecipava e visualizava os seus atos diante do inimigo. E foi dessa forma que ele obteve êxito na execução de uma de suas mais brilhantes estratégias que foi a vitória da Batalha das Pirâmides, próximo de Cairo.

Pinto (2022) afirma que o exército francês partiu de Toulon para o Cairo com 300 navios e 35 mil soldados. Após sua chegada, depararam-se com os mamelucos, que eram uma força de elite orgulhosa e destemida, que acreditavam que quando morressem em combate iriam direto para o Paraíso. A cavalaria mameluca avançou sobre os franceses, e estes aguardaram até que

os mamelucos chegassem bem perto para contra atacar. Após a batalha vitoriosa, os franceses levaram como prêmio ouro, prata e as armas que os mamelucos portavam. O objetivo militar e político da campanha do Egito era cortar a ligação do império inglês com as rotas comerciais que chegavam à Índia, buscando enfraquecer economicamente os ingleses e seu controle naval no mar mediterrâneo.

Figura 5: Imperador Napoleão Bonaparte



Fonte: infoescola, 2005.

Napoleão Bonaparte foi responsável por espalhar os valores da revolução francesa pela Europa e teria influenciado nos códigos legais, como, por exemplo, o código napoleônico, que era uma norma claramente escrita e acessível, que estabelecia a igualdade perante a lei, garantia o direito da propriedade, ratificava a reforma agrária ocorrida na Revolução Francesa, assegurava a separação entre a Igreja e o Estado e eliminava os privilégios feudais. Napoleão foi um dos homens mais poderosos da história, com personalidade complexa e força de vontade extraordinária. Um dos mais importantes estrategistas militares, que liderou em diversos campos de batalhas, onde venceu a maioria delas e soube conduzi-las de forma estratégica, sendo um perfeito exemplo de líder estratégico como Rowe (2002, p. 10) define:

A definição de liderança estratégica pressupõe a habilidade de influenciar subordinados, pares e superiores. Também presume que o líder entenda o processo de estratégia emergente, que alguns autores consideram mais importante do que o processo de planejamento estratégico.

3 CONCLUSÃO

Não obstante, sabemos que o militar que se destaca a frente de seus companheiros, não é apenas aquele que se atira de forma audaciosa ao ataque do inimigo, apesar de ter que demonstrar sua inteira responsabilidade perante a tropa que comanda, mas sim aquele que tem como preceito básico a noção de que sua arma mais letal contra o adversário é a imprevisibilidade de sua liderança em combate.

Um líder jamais deve confundir seu destemor com sua bravura, e deve lançar mão desta última quando não houver mais recursos ao seu alcance que lhe valham a vitória, buscando não condenar todo o sucesso da missão por um ato egoísta e temerário e sim usar daquele último meio disponível a seu alcance para a vitória. Liderar homens em combate não é uma tarefa fácil, devido a existência de muitas baixas no caminho se comparado ao tempo de paz. O risco de comprometer o objetivo final, assim como perder companheiros no decorrer da missão, em guerra, é iminente, e pode custar caro à tropa no campo de batalha.

Portanto, a liderança militar, mesmo sendo um termo de difícil elucidação no campo abstrato, fica mais didático de se conceituar quando correlacionados com exemplos históricos de militares que exerceram sua liderança com perfeição. Podemos aplicar nos dias de hoje, os mesmos conceitos que deram certo na vida de homens como Max, Desmond, Marco Aurélio e Napoleão. Tais figuras foram líderes competentes que marcaram a história mundial e desde então são exemplos práticos de como devemos liderar nossas tropas. Contudo, não excluímos a possibilidade de que outros exemplos, que não foram citados neste ensaio, possam ser utilizados como espelhos para a tropa nos tempos atuais.